



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento

**A CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, A FORMAÇÃO DISCURSIVA E A REPRESENTAÇÃO DA CLASSE RELIGIÃO NO LIMIAR DO SÉCULO XXI**

***BIBLIOGRAPHIC CLASSIFICATION, DISCURSIVE FORMATION AND RELIGION CLASS REPRESENTATION IN THE XXI CENTURY***

**Rosana Matos da Silva Trivelato<sup>1</sup> e Maria Aparecida Moura<sup>2</sup>**

**Modalidade da apresentação: Pôster**

**Resumo:** Os sistemas de classificação bibliográfica foram compreendidos por muito tempo como instrumentos técnicos inofensivos do ponto de vista de sua principal função - representar a informação -, contudo, nos últimos anos têm sido alvos de revisões críticas e questionamentos. Neste contexto, analisar os dispositivos de representação da informação à luz do conceito de formação discursiva implica em assumir que eles não se referem a instrumentos neutros e alheios ao tempo histórico no qual foram concebidos. Além disso, faz-se necessário compreender que os arranjos biblioteconômicos, decorrentes de tais dispositivos, efetivam formas de classificação e recuperação da informação demarcadas por hierarquizações e contextualizações pensadas na origem dos sistemas e reiteradas em novas edições.

**Palavras-chave:** Classificação bibliográfica. Formação Discursiva. Religião.

**Abstract:** *The bibliographic classification systems were understood long as offensive technical tools from the point of view of its main function- represent the information-, however, in recent years have been targets of critical reviews and questions. In this context, analyzing the representation devices information to the discursive formation of the concept of light implies assume that they do not refer to neutral instruments and unrelated to the historical time in which they were designed. In addition, it is necessary to understand that librarianship arrangements arising from such devices, actualize forms of classification*

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1997), mestranda em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG. Linha de Pesquisa: Organização e Uso da Informação

<sup>2</sup> Professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais.

*and retrieval of information marked by hierarchies and contextualization thought the origin of systems and reissued in new editions.*

**Keywords:** *Bibliographic classification. Discursive formation. Religion.*

## **1 INTRODUÇÃO**

Os processos de organização e representação do conhecimento foram compreendidos por muito tempo como instrumentos técnicos neutros do ponto de vista de sua principal função: representar a informação. No entanto, nos últimos anos têm sido alvos de revisões críticas e questionamentos em virtude dos valores que podem evidenciar e das temáticas e conhecimentos que podem tornar rarefeitos, em uma complexa trama sócio técnica mantida em um contexto de desejável *open mind* e a universalidade.

Recentemente, repercutiu muito nas redes sociais dos profissionais da informação o trabalho de Michele Drumm (2000) no qual a autora discute sobre a invisibilidade e marginalização que a temática gay e lésbica esteve relegada na Classificação Decimal de Dewey (CDD) até os anos 2000. Olson (2002), também evidenciou as maneiras como a CDD tem refletido historicamente padrões de organização do conhecimento que agora parecem arcaicas ao abordar o assunto da gravidez sob a designação de doença.

Análoga ao tema destacado por Drumm (2000) e Olson (2002) é a representação das Ciências da Religião no âmbito dos sistemas de classificação bibliográfica, onde é visível o desequilíbrio e esmaecimento da representação dos sistemas de crenças das alteridades não hegemônicas nos sistemas de conhecimento. Assim, se a discussão sobre alteridades, multiculturalismo e tolerância religiosa acentuaram-se em nível mundial, não se pode dizer o mesmo de sua correlata visibilidade nos sistemas de classificação bibliográfica.

O presente trabalho pretende analisar a área de Ciência da Religião, tomada a partir do conceito de formação discursiva de Michel Foucault, tendo em vista compreender suas implicações na análise dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs), notadamente os sistemas de classificação bibliográfica.

## **2 CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA**

A classificação bibliográfica constitui-se um instrumento formal de representação da informação e a forma de organizar os registros do conhecimento. As questões sobre organização desses registros, e a própria organização do conhecimento são abordadas pela Biblioteconomia e Ciência da Informação, campos de estudos que se dedicam a resolver os problemas de representação e acesso ao conhecimento.

Os sistemas de classificação bibliográficos têm sua origem no processo de classificação dos

saberes e dos seres de Aristóteles e constituem-se de um instrumento verbal de representação da informação e a forma de organizar e facilitar o livre acesso aos registros do conhecimento.

Com o intuito de responder questões pragmáticas de organização da informação, Melvil Dewey criou em 1876 o sistema de classificação decimal CDD. O intento de Dewey era criar ferramenta prática e de fácil aplicação por “pessoas com pequena capacidade ou escasso adestramento”; uma de forma responder as questões pragmáticas de organização da informação com vistas a rapidez na localização de documentos e no livre acesso às estantes. Ao longo do tempo o sistema foi modificado e expandido, atualmente na 23ª Edição. (SCHELLENBERG, 1980, p. 11 apud SOUSA, 2007, p. 12-13)

A CDU (1902-1907), foi adaptada do sistema de Dewey retomando as principais classes da CDD e a sua notação decimal. Concebida por Paul Otlet e Henry La Fontaine como intuito de organizar um repertório bibliográfico universal de trabalhos publicados em qualquer lugar do mundo desde a invenção da imprensa. Inicialmente a CDU não tinha a pretensão de ordenar documentos, mas sim estabelecer relações entre perspectivas e contextos informacionais visando o uso da informação.

### **3 FORMAÇÃO DISCURSIVA**

O discurso pode ser regido por um conjunto de regras anônimas e ser usado para designar os modos de pensamento que caracterizam as instituições, os domínios da cultura e distinguir diferentes áreas de estudo para identificar a linguagem de diferentes grupos sociais. Essas práticas discursivas estarão sempre determinadas no tempo e no espaço, em uma dada época e destinadas a uma área social, econômica, geográfica ou linguística.

A formação discursiva pode ser entendida como os saberes que definem um objeto. Assim, para entender a formação discursiva é necessário elucidar as regras de formação do objeto em seu regime de existência enquanto objetos do discurso. Nesse sentido ele aponta três direções: a) demarcar inicialmente as superfícies de emergência, onde surge, "a possibilidade de limitar seu domínio, de definir aquilo de que se fala, de dar-lhe o status de objeto - ou seja, de fazê-lo aparecer, de torná-lo nomeável e descritível"; b) a descrição das instancias de delimitação, quem define o objeto do discurso; c) analisar as grades de especificação, especificidade, "trata-se dos sistemas segundo os quais opomos, associamos, reagrupamos, classificamos, derivamos" (FOUCAULT, 2012, p. 50-51).

Na análise do discurso considera-se as maneiras em que objetos e ideias são expostos, ao

invés da ontologia dos objetos e as próprias ideias. Podendo suscitar perguntas como: Quais são as instituições através das quais esses discursos são organizados, divulgados e legitimados?

#### **4 A RELIGIÃO, O DISCURSO E A CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA**

A experiência religiosa se faz presente em toda a história da humanidade; o mundo foi moldado pela convicção humana de que há algo além da vida. No entanto, a observação cotidiana das experiências religiosas pode provocar reações de atração ou de rejeição. Como, por exemplo,

Imagens de autoflagelantes xiitas sangrentos, o confronto com o sacrifício cruel de um animal, a leitura de anais dos processos judiciais indianos contra os Thugs (irmandade clandestina de assassinos que, apesar de formada por hindus, estrangulava outros hindus por motivos rituais) -, tudo isso e muitas outras coisas causam horror aos observadores. Já outros elementos entusiasma-nos. Por exemplo, o pacifismo de Buda – que quis somente louvar o amor, na medida em que ele coincide com a ausência do ódio -, ou a imagem de índios cujas religiões parecem-nos modelos do equilíbrio ecológico. (GRESCHAT, 2005: p. 21-22)

A forma como os observadores reagem ao objeto religião depende do lugar, da época e ainda daquilo em que eles creem ou não creem. O ponto de vista do observador dependerá do contexto religioso, cultural e sócio-histórico que este indivíduo está inserido.

Estamos em um momento crítico de luta pelos direitos humanos e, em particular, pela liberdade religiosa. Historicamente, a intolerância gerou e ainda gera muitas guerras; afinal o ódio é como guerra, mesmo quando cessa contabiliza-se os estragos. Portanto, é preciso estar atento à sua ardilosa sutilidade para não conferir a “aberrante legitimidade” a intolerância. (WIESEL, 2000, p.8)

Do ponto de vista religioso, Eco (2000, p. 15) assinala que a interpretação hermenêutica pode introduzir vieses à compreensão religiosa. No fundamentalismo acredita-se que a verdade reside na interpretação bíblica e, assim, revela-se intolerante para ao que está em desacordo. A tolerância é substituída pela condenação pública. Promovem-se guerras, tornando árduo o caminho a ser percorrido em direção a conquista da tolerância diante do pluralismo religioso.

Nesse contexto de análise, tornou premente aliar a concepção da formação discursiva aos sistemas de representação da informação e ao campo religioso. Desse ponto de vista, constatou-se que os sistemas de classificação bibliográfica corroboram na formulação abordagens entre credos,

etnias e tentam dar conta das formas de representar a religião no alvorecer do século XXI.

Os SOCs, através dos sistemas de classificação bibliográfica, evidenciam alguns questionamentos, como por exemplo, o conceito de religiosidade popular que está muitas vezes associado à temática do folclore e não à temática religião, ou ainda categorizado em “Outras religiões” no caso da CDD ou “Cultos e religiões menores” no caso CDU (Consortium 2000).

Ao colocarmos lado a lado a classe de Religião dos sistemas CDD e CDU, percebe-se o viés religioso predominante cristão que a CDD ainda mantém na estrutura da classe “Religião”, que de alguma forma privilegia essa perspectiva.

<b>CDD</b>	<b>CDU</b>
200 - Religião	2 - Religião. Teologia
210 - Filosofia e Teoria da religião	21 - Religiões pré-históricas e primitivas
220 - Bíblia	22 - Religiões originárias do Extremo Oriente
230 - Teologia dogmática	23 - Religiões originárias do subcontinente indiano. Hinduísmo em sentido lato
240 - Teologia moral	24 - Budismo
250 - Teologia pastoral	25 - Religiões da antiguidade. Cultos e religiões menores
260 - Teologia eclesiástica	26 - Judaísmo
270 - História do cristianismo	27 - Cristianismo. Igrejas e denominações cristãs
280 - Denominações cristãs	28 - Islamismo
290 - Outras religiões	29 - Movimentos espirituais modernos

Tabela 1: Classes principais

Desde a sua criação a estrutura da classe “Religião” dos sistemas de classificação foram hierarquizadas sob o viés católico, sete das nove subclasses contemplavam exclusivamente o Cristianismo, contudo, a CDU por meio do Consortium 2000, promoveu a tentativa de equilibrar a categorização das diversas Religiões do mundo da mesma maneira, considerando os sistemas de crenças como equivalentes. (BROUGHTON, 2000, p. 60).

A estrutura hierárquica significa que todas as subclasses fazem parte de um tema mais abrangente acima delas. Nesta perspectiva, uma estrutura hierárquica, normalmente, potencializa inferências que um conceito subordinado ou inferior a outro; como no caso da classe “Outras religiões” da CDD, além da representação de forma assimétrica das Religiões, as Religiões Cristãs destacam-se em um nível hierárquico superior, a designação "outras" promover o esmaecimento de outros sistemas de religiosos.

Levantamos alguns pontos que demonstram como os dois sistemas lidam com as “outras” religiões.

	<b>Vantagens</b>	<b>Desvantagens</b>
CD D	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apesar do esmaecimento das religiões não-cristãs na subclasse <i>Outras Religiões (290)</i>, o instrumento acomoda de forma equilibrada as diversas religiões numa mesma categoria.</li> <li>• As Religiões de origem africanas que já foram categorizadas como “Minor nonchritian Religions” (299) atualmente “Religions not provided for elsewhere”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A programação da estrutura da classe Religião privilegiam apenas três grupos de conteúdo: Filosofia e teoria da Religião (210), Cristianismo e elementos da Religião Cristã (220/280) e Religiões não cristãs (290). <ul style="list-style-type: none"> <li>• O Cristianismo e os seus elementos específicos ocupam as subclasses Bíblia (220), Teologia dogmática (230), Teologia moral (240), Teologia Pastoral (250), Teologia eclesiástica (260), História do Cristianismo (270) e Denominações cristãs (280), demonstrando claramente o viés cristão da estrutura da classe Religião.</li> </ul> </li> </ul>
CD U	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A estrutura da classe Religião evidenciam cinco religiões: Budismo, Cristianismo, Judaísmo, Hinduísmo, Islamismo, o que diminui o ponto fragilidade, o viés cristão.</li> <li>• O recurso da tabela auxiliar pode atingir um alto grau de especificidade com notações relativamente curtas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A supressão da subclasse “Outras Religiões” torna mais crítico o ponto do esmaecimento das demais religiões.</li> <li>• As temáticas relacionadas a religiosidade popular brasileira tendem a ser categorizados como Folclore.</li> <li>• As facetas ainda demonstram o viés do Cristianismo</li> </ul>

Tabela 2: CDD X CDU

Acredita-se que analisar os sistemas de classificação, à luz do conceito de formação discursiva, implica assumir que os dispositivos de representação da informação não se referem a instrumentos neutros e alheios ao tempo histórico no qual foram concebidos. Além disso, é preciso compreender que os arranjos biblioteconômicos, decorrentes de tais dispositivos, efetivam formas de classificação e recuperação da informação demarcadas por hierarquizações e contextualizações pensadas na origem dos sistemas e reiteradas em novas edições. Nesta perspectiva, a transformação da produção do conhecimento e a movimentação sócio-histórica pode, nesses contextos, ser categorizada por um instrumento classificatório que, por vezes, reflete e dialoga pouco com as transformações em curso. (TRIVELATO; MOURA, 2015)

Refletir, sobre a dimensão discursiva dos sistemas de classificação bibliográficas implica ampliar o escopo formativo dos profissionais da informação para que possam compreender as implicações do seu gesto classificatório e os limites do enquadramento classificatório proposto nos processos de oferta e circulação do saber.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos de organização e representação do conhecimento nascem com a perspectiva de abarcar de forma equilibrada a produção do conhecimento humano. Todavia, esses processos são impregnados por visões de mundo que orientam tanto do sujeito classificacionista quanto o bibliotecário em que são pactuadas diferentes valores e oriundos de distintos contextos sócio-históricos. Esses sujeitos são premidos a representar, por meio dos SOCs, conceitos e situações advindos de outras culturas e de contextos muito diversos do seu.

A ação discursiva pressuposta nos aparatos informacionais que orientam a organização da informação, por vezes, parece subjugar ou ignorar o papel determinante que a mediação informacional pode aportar aos processos de produção do conhecimento. Se por um lado a leitura radical do sistema de crenças religiosas parece turvar os avanços do conhecimento, por outro lado, nota-se no campo da organização da informação uma tendência dogmatizante em relação ao alcance e à neutralidade presumida dos instrumentos de representação da informação. (TRIVELATO; MOURA, 2015)

Refletir, de uma perspectiva ampla, acerca do gesto discursivo plasmado nos sistemas de classificação, pode alargar as possibilidades de representação do conhecimento e da informação e abarca a diversidade cultural e religiosa revelada e refletida na contemporaneidade.

#### REFERÊNCIAS

BROUGHTON, V. The need for a faceted classification as the basis of all methods of information retrieval. **Journal of Information Management**, v. 58, n. 1/2, p. 49-72, 2006.

DRUMM, S. **Naming the love that dare not speak its name**: A look at how gays and lesbians are classified in the Dewey Decimal Classification. drum dot info. 2000. Disponível em: <<http://drumm.info/naming-the-love/>>. Acesso em: 09/07/2016.

ECO, Umberto. Definições léxicas. In: **A intolerância**: Foro Internacional sobre a Intolerância, 1997, Paris, França. A intolerância: Foro Internacional sobre a intolerância. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 13

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga Sampaio. 23. ed. São Paulo: Loyola, 2013. 74 p.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: GEN : Forense, 2012. 254 p.

GRESCHAT, H. **O que é a ciência da religião?** Trad. Frank Usarki. São Paulo: Paulinas, 2005. 165p.

OLSON, H. A. **The power to name**: locating the limits of subject representation in libraries. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2002.

OLSON, H. A. School of Library & Information Studies, 3-20 Rutherford South, University of Alberta, Edmonton, Alberta, CANADA T6G 254 **Library Trends**, v. 47, n. 2, 1998, p. 253-254.

POMBO, O. **Da classificação dos seres à classificação dos saberes**. Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa, n. 2, 1998. p. 19-33.

TRIVELATO, R. M. S.; MOURA, M. A. Formação discursiva, sistemas de classificação e o discurso estrangulado de Charlie Hebdo: impactos, desdobramentos e implicações na representação da informação da ciência da religião no século XXI.. In: XII Congreso ISKO España II Congreso ISKO España-Portugal, 2015, Murcia. **Organización del conocimiento**: sistemas de información abiertos. Murcia: Facultad de Comunicación y Documentación. Universidad de Murcia, 2015. p. 1-8.

WIESEL, E. Prefácio. In: **A intolerância**: Foro Internacional sobre a Intolerância. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p.8.